



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Categorização da Educação Financeira no Brasil

Bernardo Chalub Pereira da Costa

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Graduação em Administração de Empresas

Rio de Janeiro, novembro de 2022.



Bernardo Chalub Pereira da Costa

Categorização da Educação Financeira no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao programa de graduação em Administração da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Administração.

Orientador(a): Graziela Fortunato

Rio de Janeiro, novembro de 2022

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus familiares, por proporcionarem uma educação de qualidade e por sempre estarem ao meu lado, torcendo por minhas conquistas. Ao meu pai, João Ricardo, que foi um exemplo de carreira para mim e agora estou no mesmo ramo e espero ter o mesmo reconhecimento. Mas principalmente para minha mãe, Livia, que nunca mediu esforços para me ver feliz e sempre me ajudou quando precisei. Você é a razão de eu ser quem eu sou hoje! Obrigado!

Gostaria de agradecer também à minha namorada Joanna, por sempre me apoiar e me incentivar a ser uma pessoa melhor e mais dedicada. Sem você nada disso seria possível. Muito obrigado! Te amo!

Por último mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha orientadora Graziela Fortunato, por todos os ensinamentos dados em sala, pela paciência e pela ajuda e força dada nessa reta final do curso.

Resumo

Costa, Bernardo Chalub Pereira da. Categorização da Educação Financeira no Brasil. Rio de Janeiro, 2022. Número de páginas 38p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho tem o intuito de mostrar o quanto a educação financeira é importante na vida de um indivíduo. O objetivo final do trabalho é realizar uma categorização dessa educação financeira no Brasil, em três categorias atreladas diretamente com o nível de educação financeira do indivíduo. A metodologia utilizada foi uma pesquisa exploratória quantitativa de campo, visando entender o perfil dos brasileiros para ilustrar essa segregação. Após realizada a categorização, se percebe que as categorias A e B necessitam de atenção especial quando se trata de conhecimento acerca de taxa de juros e instrumentos financeiros para facilitar a gestão do próprio patrimônio, enquanto a categoria C representa as pessoas com conhecimento pleno do assunto.

Palavras- chave

Educação financeira, cartão de crédito, investimentos, instrumentos financeiros, categorias, gestão de patrimônio, taxa de juros.

Abstract

Costa, Bernardo Chalub Pereira da. Categorization of Financial Education in Brazil. Rio de Janeiro, 2022. Number of pages 38p. Completion of course work – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This article intends to show how important financial education is in the life of an individual. The final objective of the article is to develop a categorization of this financial education in Brazil, in three categories directly linked to the individual's level of financial education. The methodology used was an exploratory quantitative field research, to understand the profile of Brazilians to illustrate this segregation. After performing the categorization, it is clear that categories A and B need special attention when it comes to knowledge about interest rates and financial instruments to facilitate the management of their own assets, while category C represents people with full knowledge of the subject.

Key-words

Financial education, credit card, investments, financial instruments, categories, wealth management, interest rate.

Sumário

1 O tema e o problema de estudo	1
1.1. Introdução	1
1.2. Objetivos do estudo	2
1.2.1. Objetivos intermediários e específicos do estudo	3
1.3. Justificativa e relevância do estudo e sua problematização	4
1.4. Delimitação e focalização do estudo	5
2 Referencial teórico	7
2.1. Educação Financeira no Brasil	7
2.2. A falta de educação financeira nas escolas	9
2.3. A educação financeira e o consumismo	12
3 Métodos e procedimentos de coleta e de análise de dados do estudo	15
3.1. Etapas de coleta de dados	15
3.2. Tratamento dos dados coletados	16
3.3. Limitações do Estudo	16
4 Apresentação e análise dos resultados	18
4.1. Aplicação do questionário	18
4.1.1. Perfil demográfico dos respondentes	18
4.1.2. Perfil econômico dos respondentes	19
4.1.3. Perfil financeiro dos respondentes	21
4.2. Descrição e análise dos resultados	23
5 Conclusão	26
6 Referências Bibliográficas	28

Lista de figuras

Figura 1: Educação financeira e sua categorização.....	27
--	----

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Nível de escolaridade	19
Gráfico 2: Renda mensal	19
Gráfico 3: Método de pagamento de contas	20
Gráfico 4: Frequência de pagamento de contas com cartão de crédito	21
Gráfico 5: Nível de conhecimento em educação financeira	21
Gráfico 6: Destino do dinheiro guardado	21

1 O tema e o problema de estudo

1.1.Introdução

Administrar um bom planejamento financeiro pessoal não é uma tarefa fácil. Muitos brasileiros enfrentam problemas quando se trata da questão, não tendo o conhecimento básico necessário para estruturar e controlar suas próprias finanças, podendo afetar o futuro da pessoa como um todo.

Atualmente, este problema é intensificado ao levar em consideração o alto consumismo que permeia o século XXI, facilitado pela tecnologia e pela rápida disseminação de propagandas. A alta taxa de juros do Brasil também é um fator agravante para os problemas financeiros dos brasileiros

O consumo exacerbado, entretanto, gera efeitos colaterais prejudiciais tanto para os indivíduos quanto para o Estado, como por exemplo o endividamento familiar e a inadimplência das pessoas e empresas.

Porém, ao planejar desde cedo a economia de uma parte da renda mensal, haverá mais estabilidade para alcançar os diferentes objetivos na vida, tais como realizar uma viagem, comprar um imóvel ou mesmo se aposentar mais cedo.

Procurar aprender e entender a respeito de finanças pessoais é um hábito que ajuda a todos os indivíduos na hora de estruturar um bom planejamento financeiro. De acordo com Segundo Filho (2003), os conhecimentos básicos de planejamento financeiro pessoal não devem ficar restritos aos especialistas em finanças ou que atuem na área financeira. Para ele, qualquer pessoa, independentemente de sua área profissional, deve conhecer os princípios básicos necessários à administração de sua vida financeira.

Um bom planejamento financeiro pessoal influencia na vida tanto de pessoas mais velhas quanto das mais jovens. O foco deste estudo foi buscar realizar uma categorização da educação financeira no Brasil, abrangendo pessoas com mais de 18 anos de uma maneira geral. Além disso, procurar entender como os brasileiros se comportam quando se trata de gerir o próprio

patrimônio e a forma como lidam com os gastos pessoais, fazendo a seleção entre as pessoas poupadoras e as pessoas devedoras.

Para Lelis (2006) e Medeiros (2003), a educação financeira é um tema no qual se discute a importância do dinheiro, como administrá-lo, como ganhar, gastar, poupar e consumi-lo de forma consciente.

Entretanto, a falta de conhecimento sobre o tema somado à falta de investimento do governo na promoção de uma boa educação financeira, faz com que os cidadãos tenham medo e inseguranças em administrar seu próprio dinheiro, tomando decisões que nem sempre representam a melhor opção.

Uma pesquisa realizada pela *S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey* (Pesquisa Global de Educação Financeira da divisão de ratings e pesquisas da Standard & Poor's) apresentou um novo ranking global, que mede o nível de educação financeira de 144 países.

A pesquisa foi baseada em entrevistas realizadas em 2014 com mais de 150 mil adultos e consiste em um dos mais extensos estudos já realizados sobre a educação financeira no mundo.

Em seu resultado, o estudo revelou que o Brasil está na 74ª posição, atrás de alguns dos países mais pobres do mundo como Madagascar, Togo e Zimbábue. Tal fato demonstra o despreparo do país em relação ao tema. Apenas 35% dos brasileiros entrevistados na pesquisa indicada acertaram ao menos três dos quatro conceitos abordados.

A falta desta educação financeira se demonstra um dos principais motivos para o número de brasileiros inadimplentes ou endividados, que por não terem o conhecimento mínimo sobre o tema tomam decisões que podem ser desfavoráveis.

Como é ressaltado por Savóia et al. (2007) e Bruhn et al. (2013), no Brasil as pessoas ainda carecem de uma educação financeira e estão dentro de um contexto em que o país vem passando por mudanças estruturais em sua economia.

1.2.Objetivos do estudo

Este estudo tem como objetivo principal realizar uma categorização da educação financeira do Brasil, baseada no nível de educação financeira relacionado com uma gestão do patrimônio. Além disso, demonstrar que com planejamento financeiro pessoal e educação financeira, as pessoas conseguem

gerir a sua renda de forma mais consciente, de forma que consigam manejar as suas contas de forma mais benéfica.

Ademais, o presente estudo propõe demonstrar que o interesse pelo planejamento financeiro pode ser determinante para conseguir gerir de forma consciente seu dinheiro.

A substituição da compra de bens supérfluos e imediatistas por investimentos a longo prazo podem gerar consequências muito benéficas para quem quer poupar o dinheiro, realizando aplicações financeiras e investimentos, por exemplo.

Mais do que isso, o estudo possui a finalidade de, a partir de estudos bibliográficos e da análise do resultado obtido através do questionário virtual, dividir a população brasileira em 3 categorias distintas criadas com base no nível de educação financeira e no perfil de consumo de cada indivíduo.

A primeira abrangendo àquelas pessoas que não possuem nenhuma ou quase nenhuma educação financeira, de forma que apresentam dificuldade em gerir a renda com os gastos e acabam se tornando devedoras.

A segunda categoria seria referente às pessoas que possuem um conhecimento básico de finanças pessoais a ponto de entenderem minimamente sobre taxa de juros, mercado e se preocupam em poupar uma fatia de seu salário todo mês.

A terceira categoria conta com as pessoas que já possuem o conhecimento avançado acerca dos produtos financeiros ofertados, guardam uma fatia do dinheiro todo mês e sabem exatamente o que fazer com essa fatia

A intenção é mostrar a relevância de investir em uma boa educação financeira desde cedo, como forma de aprender a realizar um consumo consciente e eficiente, evitando, assim, o alto número de famílias que estão inadimplentes com as suas obrigações financeiras.

Gilligan (2012) acredita que a falta de educação financeira pode trazer consequências no longo prazo. Pretende-se, portanto, revelar a importância e os impactos positivos de estudar sobre finanças pessoais, principalmente a respeito de um maior preparo para cumprir com as suas obrigações.

1.2.1.Objetivos intermediários e específicos do estudo

Os objetivos intermediários para se atingir o objetivo final proposto pelo estudo são os seguintes:

- Identificar o grau de conhecimento dos respondentes a respeito de Educação Financeira;
- Identificar se as pessoas consideram que a educação financeira faz diferença em suas vidas;
- Identificar e analisar as prioridades da destinação da renda do indivíduo, entendendo se os respondentes poupam seu dinheiro e realizam investimentos;
- Separar e categorizar a população brasileira em 3 categorias.

Como visto, o principal objetivo do presente estudo é dividir a população em 3 categorias distintas. Para isso, serão levados em consideração os pontos apresentados acima, como forma de embasar e validar a categorização a ser realizada.

1.3. Justificativa e relevância do estudo e sua problematização

Este estudo pretende esclarecer como funciona o raciocínio dos brasileiros, com mais de 18 anos, a respeito do planejamento financeiro pessoal. Entender quando começam a investir em conhecimentos técnicos para poder gerir a própria renda sem se ver em apuros no final do mês e apresentar a importância da educação financeira para evitar tais situações.

Tal análise parece interessante porque é um assunto que está presente na maioria das famílias brasileiras. De acordo com uma pesquisa realizada pela “Leve”, fintech de educação financeira, que ouviu 3.450 brasileiros, aproximadamente 52% dos entrevistados não possuem ou sabem como montar um planejamento financeiro pessoal pensando no futuro. Além disso, 46% dos entrevistados disseram que não se sentem confiantes para estabelecer metas de longo prazo.

“Isso é um reflexo da falta de educação de base do brasileiro para entender que, se você ganha R\$ 10 mil, precisa gastar R\$ 8 mil, pois é preciso economizar para conseguir pagar IPVA, IPTU, por exemplo, daqui a dois meses”, cita Gustavo Raposo, CEO da fintech Leve, como uma das principais causas. Ainda segundo Raposo, esse comportamento é mais observado entre os brasileiros mais jovens, que são o foco deste estudo. Raposo diz que a diferença entre os mais jovens e os mais velhos se deve ao período de vivência entre as

gerações. “A geração mais nova viveu num Brasil de pleno emprego e sem inflação alta. Esses jovens não viveram tempos difíceis e não se preocupam tanto com o futuro”, completa o CEO da Leve.

A partir dos dados coletados para o presente estudo, objetiva-se realizar a categorização dos brasileiros com base no nível de educação financeira e pela forma que realizam a gestão de seu dinheiro, entendendo se utilizam cartão de crédito, a forma de pagamento utilizada na fatura e até se investem o dinheiro de alguma forma.

Portanto, de acordo com esse estudo, é possível ter uma noção que os brasileiros não investem tanto em sua educação financeira quanto deveriam e que tal atitude pode prejudicá-los futuramente.

Além disso, pensar que um dos motivos para a baixa educação financeira da população é a falta de incentivo do governo para proporcionar uma boa educação financeira, presente inclusive em escolas, para que todos possam, desde cedo, aprender a gerir a sua renda e evitar prejuízos futuros.

A presente pesquisa pode influenciar a geração mais nova a investir nesta educação financeira e, quem sabe, estimular até as pessoas mais velhas a começar a entender mais sobre o assunto. Ademais, pode incentivar o governo a proporcionar aos seus cidadãos uma educação financeira básica, inclusive como matéria nas escolas.

O estudo, portanto, pretende demonstrar a importância de uma boa educação financeira básica para todos os brasileiros, para que sejam capazes de ao menos entender o funcionamento das operações que realizam com frequência, fazendo com que tenham gestão mais consciente e consigam poupar o seu patrimônio.

1.4.Delimitação e focalização do estudo

Este estudo volta-se mais especificamente a realizar a divisão em 3 categorias baseadas no nível de educação financeira dos brasileiros. O foco será em captar a visão de pessoas com mais de 18 anos a respeito de seu planejamento financeiro pessoal e em como gerem sua renda.

Tem sua ênfase em entender e mostrar como o conhecimento, mesmo que básico em educação financeira, pode beneficiar o indivíduo de muitas formas, incluindo administrar os gastos e entender seus limites, demonstrando também a importância de um investimento a longo prazo.

Ademais, busca entender melhor se essas pessoas utilizam algum método para controlar as suas finanças e se sim, quais métodos seriam estes. Ou seja, procurar saber se para aqueles que não adotam nenhum método é apenas falta de interesse e falta de conhecimento sobre o tema ou se existe outro impeditivo que os distancie do assunto.

2 Referencial teórico

2.1. Educação Financeira no Brasil

A educação financeira ganhou força no Brasil nos últimos anos, devido ao crescente número de pessoas e famílias que despertaram o interesse em ter conhecimento próprio sobre a gestão de seu dinheiro. Ademais, com a tecnologia de hoje em dia, o acesso ao conhecimento se tornou mais fácil e rápido, com diversas opções disponíveis até mesmo em aplicativos dos bancos para que a pessoa realize o seu próprio investimento a partir de conhecimentos básicos.

Entretanto, o cenário nem sempre foi esse. A maioria da população não possui uma educação financeira apropriada, pois não tiveram contato com o tema e não foi oferecido qualquer incentivo por parte do governo para promover esse conhecimento.

Desse modo, sem o ensino de como controlar suas finanças e realizar um planejamento financeiro, as crianças se tornam adultos que continuam passando por dificuldades em administrar seu dinheiro, gerando um grande número de pessoas endividadas.

Para compreender a verdadeira importância da educação financeira, primeiro é preciso saber o seu conceito. Para a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – OCDE (2005), a Educação Financeira é definida como:

“[...] o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu entendimento sobre os conceitos e os produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para conhecer melhor os riscos e as oportunidades financeiras, e assim tomarem decisões fundamentadas que contribuem para melhorar seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p.13).”

Além disso, a OCDE (2005) entende que a “educação financeira sempre foi importante aos consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes. No entanto, sua crescente relevância nos últimos anos vem ocorrendo em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros, e das mudanças demográficas, econômicas e políticas.”.

Mas, no Brasil, durante muito tempo, não existia uma preocupação em proporcionar uma educação financeira aos seus cidadãos. O ensino de finanças pessoais, por exemplo, não está presente nas grades curriculares obrigatórias dos ensinos básicos e tampouco são fornecidas como disciplinas facultativas nas escolas. Já nas universidades, a depender do curso que escolha fazer, a pessoa segue sem contato com o tema.

Segundo Savoia, Saito e Santana (2007), o Ministério da Educação e Cultura (MEC) não demonstrava uma preocupação explícita com a inserção da educação financeira no ensino das escolas. No entanto, com o crescimento de sua importância, alguns programas vêm sendo implementados, como o Programa Nacional de Educação Fiscal em conjunto com o Ministério da Fazenda, a Secretaria da Receita Federal, a Secretaria do Tesouro Nacional, e as secretarias da Fazenda e de Educação dos estados, com o intuito de capacitar os indivíduos no âmbito fiscal.

Esse atraso dos brasileiros em relação à educação financeira está atrelado à falta de conhecimento mínimo sobre o tema e falta de investimento do governo, mas também pelo passado cultural do país, que em um cenário de instabilidade econômica e altas inflações, o indivíduo optava por decisões de curto prazo combinadas com uma falta de planejamento.

De acordo com o Banco Central do Brasil (2022), “as transformações aceleradas no campo econômico-financeiro, a exemplo da oferta de serviços e produtos bancários, geram duas categorias de pessoas: as que detêm amplo conhecimento da área, sempre familiarizadas com as inovações; e um outro grupo desconhecedor do tema, cada vez mais distanciado desses serviços e da tomada de decisões conscientes para a construção de uma vida melhor”.

O conhecimento financeiro se revela primordial para que os indivíduos entendam a sua importância e façam um bom planejamento financeiro, possibilitando que a tomada de decisões seja feita de forma correta e certa, além de mais benéfica para a sua vida financeira e seu futuro.

De acordo com os dados da Confederação Nacional de Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em abril de 2022 o número de famílias endividadas

ou inadimplentes atingiu o maior número em 12 anos. Foi registrado um percentual de 77,7% de endividados em abril deste ano, sendo a maior taxa desde a pesquisa realizada em janeiro de 2010.

A inadimplência é uma das consequências da falta de educação financeira, assim como o endividamento pessoal e/ou familiar e as dívidas de longo prazo, demonstrando que o conhecimento acerca do tema pode ajudar a diversas pessoas/famílias e consequentemente beneficiar o governo.

Ou seja, a educação financeira possibilita um conhecimento que facilita a boa gestão das finanças pessoais, um planejamento financeiro adequado e ainda auxilia nas decisões que serão feitas em relação ao consumo e à sustentabilidade.

De acordo com Guimarães (2019), esse conhecimento influencia e contribui para uma maior integração entre as pessoas de uma sociedade, além de gerar um mercado mais competitivo e eficiente.

A falta desse conhecimento, segundo Wisniewski (2011), pode ocasionar um consumo desenfreado e fazer com que os indivíduos comprometam boa parte de sua renda, consequentemente, se tornando endividados.

Além disso, importante ressaltar que indivíduos com maior conhecimento financeiro afetam diretamente o consumo, na medida em que irão buscar por produtos de maior qualidade, que valham a pena o investimento, sendo capazes de escolher os seus produtos de forma mais seletiva e consciente.

2.2. A falta de educação financeira nas escolas

A educação financeira ajuda a todos os indivíduos na hora de estruturar um planejamento financeiro. Mas, se a educação financeira fosse mais difundida nas escolas e ensinada às pessoas desde cedo, beneficiaria o país como um todo. O Brasil teria um crescimento econômico, que está diretamente relacionado com a capacidade da população de poupar recursos e investir.

De acordo com o Hiraki (2021), caso a educação financeira fosse implementada na vida das pessoas desde cedo, seria possível perceber uma redução na desigualdade social. As altas taxas de juros e baixo crescimento afetam principalmente os mais pobres, pois as pessoas de classes mais altas possuem acesso mais facilmente à informação e com isso, acesso a taxas de juros mais baratas, possibilitando um crescimento de patrimônio ao longo dos anos.

Estudos sobre o tema revelam que aprender sobre a educação financeira dentro das salas de aula é fundamental para o fortalecimento da cidadania e da economia, pois a criança se torna mais consciente sobre o tema, possibilitando decisões mais assertivas e que incentivem a poupança.

A presidente do grupo de apoio pedagógico do Comitê Nacional de Educação Financeira (Conef) e assessora técnica da Secretaria de Educação Básica do MEC, Sandra Tiné (2017), chama atenção sobre a importância de ser financeiramente educado: “Isso são coisas que devem ser trabalhadas desde o início da escolarização, com as crianças”, explica.

De acordo com ela:

“Se olharmos as últimas pesquisas, vemos que ainda somos um país de pessoas superendividadas e isso compromete o desenvolvimento do país. Queremos e precisamos ser um país de poupadores” (TINÉ, 2017).

Para completar o raciocínio, ela fala também que:

“Uma criança que aprende a poupar, que fecha a torneira e que tem essas preocupações com a sustentabilidade, leva tudo isso para casa. Isso se reflete nas famílias, é uma ação que parte da escola para toda a sociedade” (TINÉ, 2017).

Nos últimos anos o governo não realizou investimentos propulsores de crescimento, que possibilitasse uma melhora na economia do país. O consumo das famílias não consegue estimular os investimentos por si só, e podemos perceber que o governo falha em capacitar a população adequadamente para a tomada de decisões, quando se trata de planejamento financeiro, o que dificulta cada vez mais o futuro dos indivíduos.

“A população, despreparada para dimensionar o volume de comprometimento do seu orçamento, avança com ímpeto ao crédito fácil e, endividada, busca caminhos para restaurar o seu equilíbrio. O crescimento desorientado do crédito produz a inadimplência. A partir daí, os empréstimos são interrompidos e a economia reduz a sua atividade. Como consequência dessas ações, surge um círculo vicioso de expansão e retração do crescimento.” (SAVOIA, SAITO e SANTANA, 2007).

No entanto, algumas iniciativas vão sendo iniciadas, demonstrando que existe uma preocupação mínima e que atitudes estão sendo tomadas em busca de uma melhora no sistema de educação financeira do país.

Como é exemplificado por Goldfajn (BCB, 2018), em seu discurso na 5ª Semana de Educação Financeira, há pilares que contribuem para a promoção da cidadania financeira de nossa população que são capazes de: aumentar o nível de educação financeira da sociedade brasileira; ampliar a inclusão financeira da população; fortalecer o ambiente institucional para manutenção da estabilidade financeira, no interesse da sociedade; e diminuir o custo do crédito para o cidadão.

Para concluir, Goldfajn (BCB, 2018) diz:

“A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) apresenta a educação financeira como tema a ser incorporado, preferencialmente de forma transversal e integradora, aos componentes curriculares na escola. São diversas as possibilidades de integração da educação financeira e da educação econômica às Áreas do Conhecimento constantes da Base Curricular” (GOLDFAJN, BCB, 2018, p.4).

A educação se mostra o meio fundamental para melhorar a educação financeira dos brasileiros. O aprendizado nas escolas, ensinando aos indivíduos sobre o tema desde cedo, proporciona o interesse sobre o tema e prepara a população para gerir o seu patrimônio, evitando endividamentos e inadimplências.

Esta deveria ser uma grande preocupação do governo como forma de beneficiar tanto os cidadãos quanto a economia do país. “Estou muito preocupado pelo fato de que gente demais se preocupa excessivamente com dinheiro e não com a sua maior riqueza, a educação” (KIYOSAKI e LECHTER, 1997, p. 52).

Ao longo do livro, Kiyosaki e Lechter (1997) mostram que as pessoas ainda não sabem direcionar da forma correta seu dinheiro, tendo pensamentos de que não é possível se poupar dinheiro e não sabem diferenças às vezes entre produtos passivos e ativos. E, para poder concluir, em relação ao salário ganho, ele destaca que “a maioria das pessoas não percebe que na vida o que importa não é quanto dinheiro você ganha, mas quanto dinheiro você conserva” (Kiyosaki e Lechter, 1997, p. 52).

Esse pensamento de valorização de uma poupança só será entendido pelos brasileiros quando houver o interesse na disseminação de uma educação financeira básica de qualidade.

2.3. A educação financeira e o consumismo

No mundo de hoje, onde se destaca o caráter globalizado e competitivo, o incentivo ao consumo se faz presente no cotidiano de todos os indivíduos, seja por propagandas na televisão, anúncios em sites ou publicidades nas redes sociais.

O problema do consumismo afeta todas as pessoas, não sendo apenas adultos que têm o costume de consumir sem limites com o seu dinheiro, mas também crianças e adolescentes que são bombardeados diariamente com uma infinidade de produtos oferecidos em propagandas.

Essa imersão no mundo capitalista acaba exercendo influência na mente dos indivíduos, que associam o consumo a uma válvula de escape, utilizam como forma de recompensa pessoal, associam a um estado de bem-estar e felicidade ou até inconscientemente de forma compulsiva.

De acordo com Vieira, Bataglia e Sereia (2011), a educação financeira é recurso indispensável para o planejamento de um futuro melhor, bem como para ajudar a minimizar/equilibrar as despesas e dívidas. Em muitos casos, é possível ainda que o indivíduo aprenda a poupar dinheiro, possibilitando investir o capital.

Os benefícios de uma boa educação financeira são evidentes, sendo primordial para as pessoas de todas as idades e em todas as fases de sua vida, desde a adolescência até a terceira idade, fase em que o conhecimento pode garantir conforto e segurança.

Pensando na ideologia do consumo exacerbado que é vendida no mundo capitalista em que vivemos, a educação financeira se torna uma opção primordial para que, principalmente os jovens, saibam administrar os seus recursos e ponderar as escolhas em relação ao consumo que será feito.

De acordo com Vieira, Bataglia e Sereia (2011), a educação financeira não está presente no âmbito familiar dos cidadãos brasileiros, muito menos nas instituições públicas de ensino, como já visto anteriormente.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) realizada em 2016, apontou um percentual de endividados de 59,6%, com contas em atraso de 23,2%. Esse cenário evidencia as dificuldades dos indivíduos em realizar um planejamento e administrar o seu dinheiro.

De acordo com Nigro (2018), especialista em investimentos, existem 12 princípios para os investimentos. Um deles é: Pague-se primeiro. Este princípio diz que não se deve esperar o final do mês para poupar o pouco de dinheiro que sobrou, mas sim se pagar primeiro, ou seja, assim que receber o salário, logo no início do mês (ou no final, para quem recebe ao final do mês) transferir uma porcentagem para seus investimentos, desta forma, irá gastar apenas o que tem disponível, sem se endividar e sem instigar o consumismo.

Para Leite e Santos (2007), os consumidores são, a todo momento, expostos a inúmeros produtos e serviços. Esses produtos e serviços, inclusive, têm sido oferecidos de maneiras cada vez mais simples ao indivíduo.

Com o avanço da tecnologia, o consumo compulsivo ficou cada vez maior e mais rápido. As pessoas, hoje, conseguem adquirir qualquer tipo de produto ou serviço através de seu aparelho smartphone, realizando o pagamento através de cartão de crédito e até mesmo PIX.

A facilidade de compra online e a variedade de produtos que são oferecidos, chamam a atenção de qualquer consumidor, que não hesita em checar as novidades ou aproveitar as promoções que aparecem nas telas.

De acordo com Medeiros e Cruz (2006), para saber como a educação financeira influencia no processo de tomada de decisão, é preciso antes entender o que leva o indivíduo a consumir.

A explicação para isto se deve ao fato de que cada pessoa compra por um motivo diferente, sofrendo influências diversas, que variam conforme os valores culturais, demográficos, pessoais, sociais, psicológicos, dentre outros. Mas o que todos têm em comum é o hábito de comprar muito além do que precisam.

A educação financeira também se relaciona com o consumo quando se fala de sustentabilidade. Em um mundo no qual se destacam as mudanças climáticas e escassez de recursos naturais, a compra consciente se torna cada vez necessária para a humanidade.

Sobre o tema, o Instituto Akatu (2004) indicou que indivíduos que consomem de forma mais consciente, muda sua denominação de “cidadão consumidor” para “consumidor cidadão”.

Nesse sentido, esses cidadãos de destaque seriam aqueles que buscam avaliar os critérios para sua tomada de decisão, optando por empresas responsáveis, que utilizam de forma racional os recursos. De acordo com o Instituto Akatu (2004), esses aspectos têm influenciado e alterado o perfil do consumidor brasileiro.

Desse modo, a educação financeira se mostra essencial para a vida dos indivíduos, pois possibilita uma maior conscientização também na hora de comprar, gerando menos endividamentos e um aumento na poupança e investimento do capital.

Esse aspecto será levado em consideração no presente estudo, analisando-se o perfil dos brasileiros participantes para relacionar o nível de consumo com o nível de educação financeira, abrangendo também se poupam seu dinheiro e se realizam investimentos.

3 Métodos e procedimentos de coleta e de análise de dados do estudo

3.1. Etapas de coleta de dados

A coleta de dados para a elaboração deste estudo, que tem como objetivo entender e categorizar o perfil dos brasileiros quando se trata de educação financeira, foi realizada através de pesquisa, por meio de análise de estudos sobre o tema e realização de um questionário virtual, através da plataforma *Google Forms*.

Sendo assim, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, para entender o contexto, alguns conceitos importantes e a relação de causa e efeito entre a falta de educação financeira e a forma como o indivíduo gasta ou economiza o seu dinheiro, fazendo a separação em três diferentes categorias.

Posteriormente, foi elaborado o questionário a fim de coletar dados de homens e mulheres, entre 18 e 60 anos, de diferentes idades, classes sociais e conhecimento sobre gestão dos recursos, desde pagamento de contas a investimentos.

O questionário, que continha 16 questões, foi preparado com perguntas chaves de fácil compreensão, que fossem capazes de demonstrar o perfil do respondente quanto ao seu nível de educação financeira, e compartilhado com as pessoas para obtenção das respostas.

Para o presente estudo, optou-se por fontes que pudessem agregar o máximo de informação e que fossem capazes de fornecer uma base de dados significativa. Após esse estudo, foi distribuído o questionário para os respondentes. Após as perguntas genéricas sobre o perfil social dos respondentes, as perguntas adentravam o âmbito das finanças, de forma superficial, para entender se estavam minimamente familiarizados com o assunto e se já possuíam noções básicas sobre o tema. Na continuação, o questionário buscava compreender o perfil do respondente de forma mais específica, para identificar se o conhecimento ou não sobre finanças pessoais promoveria uma alteração no perfil de gastos do indivíduo.

Por fim, o formulário abria espaço para os respondentes deixarem observações, comentários ou explicações pertinentes, que entendessem necessários para o aprimoramento do estudo. Tal técnica proporcionou as condições necessárias para a obtenção de informações que ajudaram na análise e compreensão dos diferentes perfis de pessoas e sua relação direta de manejo dos gastos com a importância da educação financeira no Brasil.

3.2. Tratamento dos dados coletados

O questionário foi enviado para conhecidos, colegas, amigos e familiares, precedido de um pequeno texto introdutório, para contextualizar os remetentes sobre o assunto e propósito das perguntas.

A divulgação do *link* para responder ao questionário foi realizada, majoritariamente, através do aplicativo *whatsapp*, além de envio por *e-mail* e publicação em redes sociais.

A utilização dessa fonte de dados se deu em razão da facilidade em seu desenvolvimento, bem como na praticidade de acesso por parte dos respondentes – que podem responder em poucos minutos através do celular. Além disso, a modalidade de questionário virtual é capaz de alcançar o maior número de pessoas e de forma mais diversificada, agregando mais valor ao estudo.

Depois de se ter o entendimento da amostra coletada, os dados foram utilizados para a categorização da educação financeira para essas pessoas. Esta categorização é feita em três categorias: A, B e C, baseada no nível de educação financeira, de forma crescente, indo da categoria A para a C.

3.3. Limitações do Estudo

Por se tratar de um questionário com questões objetivas e realizado através do âmbito virtual, as possíveis limitações metodológicas do estudo devem ser levadas em consideração.

Como as questões distribuídas foram de múltipla escolha, sendo 15 das 16 questões com resposta única, pode acontecer dos respondentes entenderem que nenhuma das alternativas se encaixa em seu perfil, sendo obrigados a responder a que mais se aproxima, porém não representa seu perfil de fato.

Com o intuito de promover mais liberdade para os participantes, em algumas questões foi aberta uma opção para o respondente escrever qual seria

a alternativa que marcaria, caso não tenha sido apresentada. Ademais, ao fim do questionário foi disponibilizado um espaço para os participantes escreverem comentários que considerarem apropriados, o que permite maior engajamento com os respondentes.

4 Apresentação e análise dos resultados

4.1.Aplicação do questionário

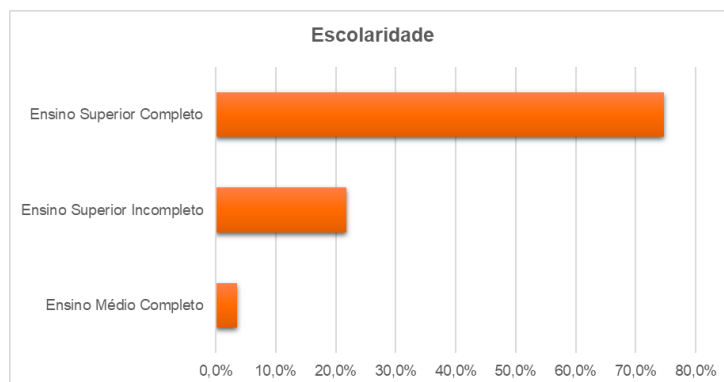
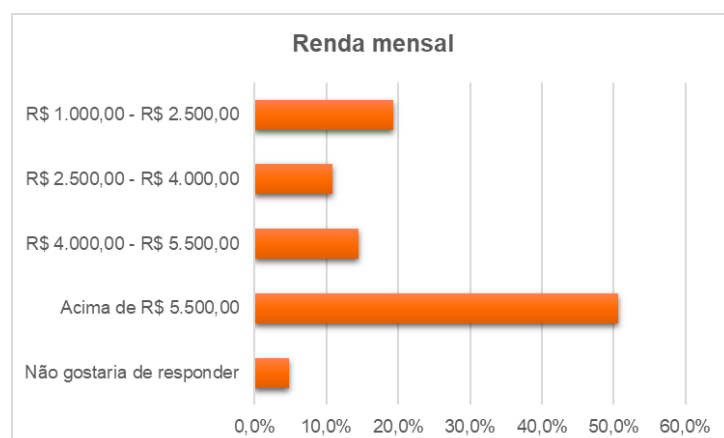
4.1.1. Perfil demográfico dos respondentes

A partir da análise dos resultados obtidos pelo questionário, das 166 pessoas que responderam, 98 eram do gênero feminino, correspondendo a 59%, enquanto o gênero masculino representou 41% do total de respondentes.

De forma surpreendente, a faixa etária se mostrou bem dividida, representando exatamente a mesma porcentagem de 45,8%, tanto entre pessoas de 24 a 29 anos, quanto entre os respondentes que possuem mais de 40 anos. A pesquisa contou também com oito pessoas entre 18 e 23 anos, correspondendo a 4,8% e seis pessoas que possuem entre 30 e 39 anos, representando 3,6% do total de respondentes.

Foram levados em consideração também dois fatores importantes, que são a escolaridade e a renda mensal. Quanto a escolaridade dos respondentes, a grande maioria, equivalente a 124 pessoas, possuem o ensino superior completo, representando 74,7%. Além disso, 32 pessoas disseram ter o ensino superior incompleto e apenas 6 relataram possuir o ensino médio completo. Importante mencionar que de todos os respondentes, nenhum relatou não possuir o ensino médio completo.

Quanto a renda mensal dos participantes, 84 pessoas, representando praticamente metade dos participantes, recebem acima de R\$ 5.500,00, 24 possuem salário entre R\$ 4.000,00 e R\$ 5.500,00 (14,5%) dos participantes, 18 recebem entre R\$ 2.500,00 e R\$ 4.000,00 (10,8%), 32 possuem o salário entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.500,00 (19,3%) e 8 respondentes preferiram não responder.

Gráfico 1 – Nível de escolaridade**Gráfico 2 – Renda mensal**

4.1.2. Perfil econômico dos respondentes

No questionário, também foi perguntado se os respondentes possuíam cartão de crédito. Dos 166 respondentes, 164 responderam que sim e apenas 2 respondentes afirmaram que não possuem cartão de crédito. Desses 164 que possuem cartão de crédito, 162 disseram pagar as faturas em dia e 2 falaram que não.

Questionou-se também a forma como pagam as suas contas, se pagam direto da conta corrente, se pagam através de débito automático, se pagam por meio de transferência ou pix, ou se utilizam todos os métodos mencionados.

Seguindo nessa mesma linha, foi perguntado se já utilizaram cartão de crédito para pagamento de boletos ou faturas de outros cartões e se sim, com qual frequência. Dos 166 respondentes, 136 afirmaram nunca ter utilizado o cartão de crédito para pagar outros boletos. Dos 30 respondentes que disseram já terem pagado contas com cartão de crédito, 14 relataram que utilizam esse método às vezes, 8 utilizaram apenas uma vez e 8 utilizam com frequência.

Através da análise desses três gráficos, é possível se ter uma ideia das pessoas que não possuem educação financeira e pagam suas contas com cartão de crédito, aumentando sua dívida devido aos juros cobrados pelos bancos. Levando em consideração que apenas 8 pessoas disseram utilizar esse método com frequência, fica evidente que não é um número muito expressivo, apenas 4,8%, se comparado com o total de 166 respondentes. Fazendo uma relação com a categorização da educação financeira, provavelmente essas pessoas que utilizam frequentemente o cartão de crédito para pagamento de contas se encaixariam na categoria A, mencionada anteriormente.

Gráfico 3 – Método de pagamento de contas

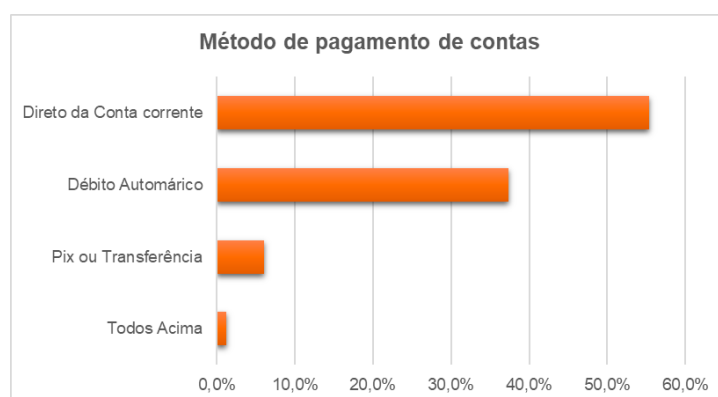
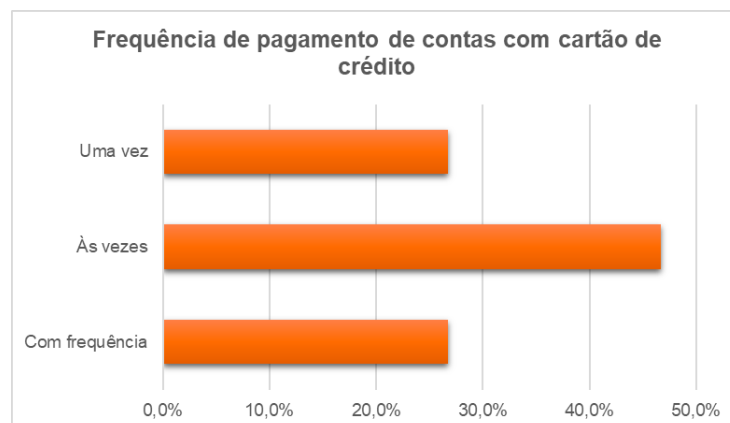


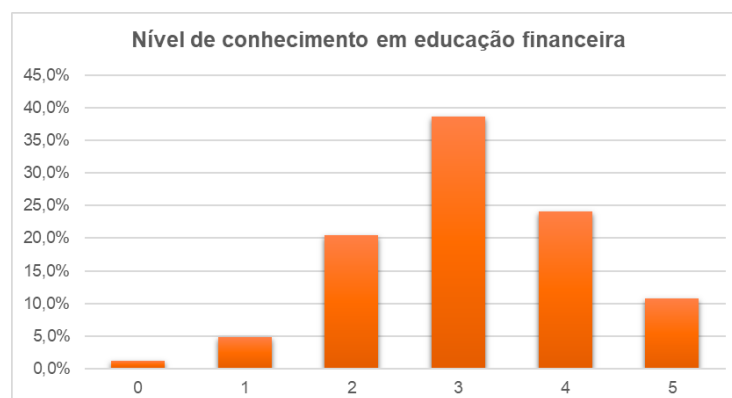
Gráfico 4 – Frequência de pagamento de contas com cartão de crédito



4.1.3. Perfil financeiro dos respondentes

Após as perguntas mais genéricas, foi aprofundado o assunto a respeito da educação financeira mais detalhada. Primeiramente, foi perguntado o nível de conhecimento sobre educação financeira, avaliado pelo próprio respondente, em uma escala de 0 a 5, onde 0 seria nenhum conhecimento e 5, conhecimento avançado. Como esperado, a maioria dos respondentes disse possuir um nível 3 em educação financeira. Apenas 2 responderam possuir nível 0, e 18 pessoas afirmaram possuir conhecimento avançado quando se trata de educação financeira.

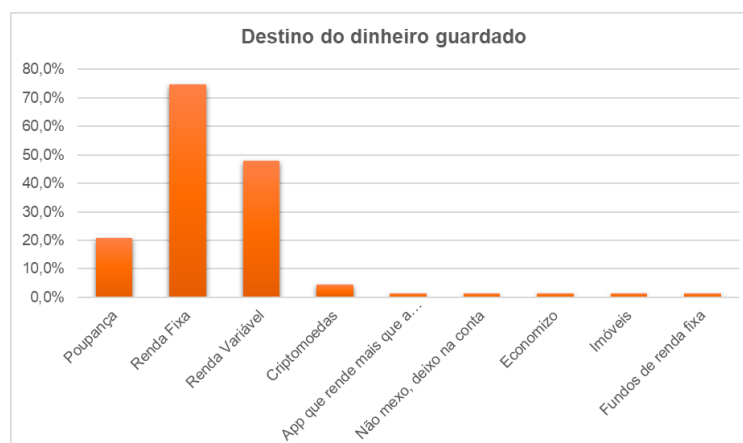
Gráfico 5 – Nível de conhecimento em educação financeira



Percebe-se que esses 18 respondentes (10,8%) que afirmaram possuir conhecimento avançado, apesar de ter sido uma autoavaliação, bem provavelmente vão ocupar a categoria C, pois devem possuir conhecimento acerca das taxas de juros, sabem procurar bons produtos ofertados no mercado financeiro, visando maior rendimento e, no geral, farão boa gestão do próprio patrimônio.

Após essa pergunta, foi questionado se o respondente consegue poupar parte de seu salário. Surpreendentemente, 132 pessoas (79%) disseram poupar seu dinheiro mensalmente, enquanto as outras 34 não poupam. Dessas 132 pessoas que guardam uma fatia do salário, foi perguntando o que fazem com esse dinheiro e, como esperado também, a maioria dos respondentes, 100 pessoas (74,6%), aloca seu dinheiro guardado na renda fixa, seja em CDB, CDI, LCI, LCA entre outros. Com esse gráfico, é possível observar que grande parte sabe o que está fazendo, seja investindo em renda fixa, variável ou até criptomoedas, que contou com 4,5% dos respondentes. Sabemos que essas pessoas já saíram da categoria A e B, pois já investem o próprio dinheiro de maneira consciente. Sem grandes surpresas, devido ao baixo incentivo à educação financeira no Brasil, 28 pessoas (20,9%) alocam seu dinheiro na caderneta de poupança, o pior investimento que as pessoas podem fazer, rendendo menos da metade da taxa Selic, que é a taxa básica de juros no Brasil. Essas pessoas estão alocadas na categoria B, pois apesar de estarem realizando um investimento considerado ruim, pelo menos estão poupando parte do seu salário e guardando, ao contrário de gastarem tudo, como foi o caso das pessoas que disseram não conseguir guardar dinheiro.

Gráfico 6 – Destino do dinheiro guardado



4.2. Descrição e análise dos resultados

Seguindo na análise do questionário, uma importante pergunta abordou o tema principal do estudo, ao questionar aos participantes se acreditavam que possuir uma boa educação financeira influenciava no modo de gestão do próprio patrimônio.

Como visto, dos 166 respondentes, 160 assinalaram que acreditam que existe tal influência, representando 96,4% das pessoas. Surpreendentemente, 6 pessoas informaram que não veem relação entre os dois, representando 3,6%.

Nos comentários, 4 pessoas indicaram que consideram a educação financeira essencial, ainda mais quando vista e ensinada desde cedo à população.

Entretanto, nem todas as pessoas possuem uma boa educação financeira. Considerando as respostas obtidas, percebe-se que 26,5% dos participantes informaram possuir baixo conhecimento sobre o assunto, tendo respondido no nível de conhecimento de 0 a 2.

Em contrapartida, apenas 10,8% dos participantes informaram possuir conhecimento avançado sobre o assunto, demonstrando que, no geral, o nível de educação financeira dos brasileiros não se mostra adequado.

Seguindo na análise do questionário percebemos que um grande número de pessoas possui perfil consumista. Nos resultados, 45,8% dos participantes se consideram consumistas e 20,5% afirmaram que não costumam poupar parte do salário que recebem. Isso afeta mais as pessoas que não possuem muito conhecimento a respeito de investimentos, porque uma pessoa que tem uma renda razoável, poupa uma porcentagem e sabe utilizar os instrumentos financeiros a seu favor e obter bons resultados, pode se dar ao luxo de ser consumista.

Além disso, outro resultado se mostra importante para a categorização: a destinação dada ao dinheiro que é poupado. Sem dúvidas, aqueles com maior educação financeira tendem a se arriscar mais, realizando investimentos variados, diversificando sua carteira e obtendo melhores resultados, por entenderem mais sobre o assunto.

Neste tópico do questionário, mais de 20% dos respondentes indicaram que deixam o dinheiro em poupança, que como dito anteriormente não representa um bom investimento atualmente. Demonstrando ainda mais

despreparo, duas pessoas afirmaram não fazer nada com o dinheiro guardado, deixando parado na conta corrente.

Realizou-se uma análise dos resultados para conseguir dividir os respondentes em 3 categorias distintas, de forma criativa e original, tendo como base o nível de educação financeira.

A Categoria A seria daqueles que não possuem nenhum conhecimento a respeito de educação financeira, portanto não tem nenhuma noção sobre taxas de juros, se endividam e utilizam o cartão de crédito para pagar suas contas. Essas pessoas provavelmente possuem o perfil de devedor e demandam uma atenção especial, ou seja, de uma educação financeira básica para ajudá-las na gestão de patrimônio.

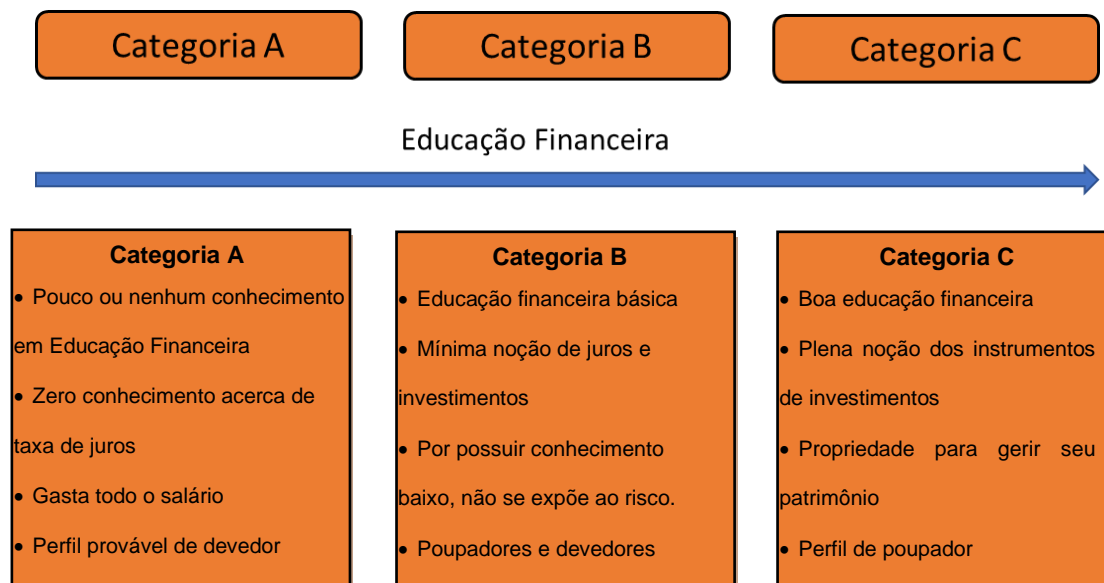
A Categoria B abrange os que já possuem essa educação financeira básica, a maioria gasta menos do recebe, conseguindo poupar uma parte da renda. Porém, não possuem o conhecimento necessário para investirem sozinhos no mercado e preferem alocar seu dinheiro na poupança, quando fazem, porque existem pessoas que deixam o dinheiro parado na conta. Essa categoria também necessita de educação financeira, porém uma educação mais especializada, para ajudar a investir melhor o dinheiro que já guardam.

A Categoria C seriam daqueles que tem uma boa educação financeira, conhecem os instrumentos de investimentos mais especializados e são capazes de gerir com mais propriedade o seu patrimônio, optando por alternativas racionais.

Portanto, entende-se que conforme os brasileiros vão adquirindo conhecimento a respeito de educação financeira e dos instrumentos disponíveis no mercado, começam a administrar a própria renda de forma mais inteligente, e vão se encaminhando para a categoria C.

A Figura 1 ajuda a ilustrar como a educação financeira influencia na categorização:

Figura 1 – Educação financeira e sua categorização



Através dessa análise, percebe-se que a maioria das pessoas entrevistadas estão inseridas nas categorias B ou C, pois muitos já investem seu dinheiro, mesmo que em renda fixa, sem diversificar muito a carteira. O preocupante são as pessoas que estão alocadas na categoria A, que necessitam de um incentivo considerável em relação à educação financeira para assim terem uma maior estabilidade e gerir com mais propriedade seu patrimônio.

5 Conclusão

Durante todo o estudo, fica claro que a educação financeira é de suma importância para uma boa gestão do patrimônio. As perguntas dispostas no questionário ajudam a evidenciar sobre essa importância e permite que seja feita uma categorização da educação financeira.

A grande maioria dos entrevistados entendem que a educação financeira é importante, porém uma parte, apesar de saber dessa importância, não consegue realizar uma boa gestão do patrimônio, seja por falta de conhecimento ou interesse no assunto, salário que impossibilita a reserva de capital ou por puro consumismo.

Sendo assim, o primeiro ponto a ser destacado é sobre o nível de educação financeira assinalado pelos respondentes no questionário. São poucas as pessoas que possuem conhecimento avançado sobre o tema, indicando que a matéria ainda se limita a um pequeno grupo que efetivamente dão importância ao assunto.

Entretanto, apesar da maioria não possuir boa educação financeira, muitas delas poupam parte do salário mensalmente, o que já indica um interesse em realizar uma boa gestão de seus recursos.

Fica evidente, portanto, que a maioria tem noção e entende a importância de realizar seu próprio planejamento financeiro, para que seja possível entender as operações que são realizadas quase que diariamente.

A falta de investimento na educação financeira básica nas escolas e universidades faz com que, cada vez mais, as pessoas necessitem de ajuda para gerenciar o seu patrimônio, não tendo o conhecimento para tomar decisões vantajosas.

Esta educação, caso implementada, poderia reduzir a porcentagem de pessoas que não pagam suas faturas em dia, que tem dificuldade em economizar dinheiro, melhorar a relação dessas pessoas com o cartão de crédito, pois 16,9% dos respondentes utilizam este método para pagamento de contas, e até mesmo para aprimorar a forma de investimento, visando retornos mais benéficos.

Nota-se que um número expressivo de pessoas investe o seu capital em opções de renda fixa, que possuem retorno menor, mas representam uma opção menos arriscada para aqueles que não possuem o conhecimento necessário. Estas pessoas representam 74,6% dos respondentes.

Há ainda aqueles que demonstram um conhecimento ainda mais preocupante. São os inseridos nos 20,9% que guardam o dinheiro na poupança, a forma com rendimento mais baixo. Ademais, chama-se atenção também para aqueles que não dão uma destinação ao seu patrimônio, deixando parado em conta corrente, que representam 1,5% dos respondentes.

Assim, foi possível realizar a categorização da educação financeira de uma forma inovadora e criativa para alocar essas pessoas nas categorias A, B ou C conforme sua familiaridade com os instrumentos financeiros. A primeira categoria seria daqueles que não possuem nenhuma educação financeira, inclusive não diferenciam formas adequadas de pagamento, chegando a utilizar cartão de crédito para pagamento de contas básicas; a segunda, dos que possuem educação financeira e possuem a noção de que é essencial gastar menos do que ganha; e a terceira são os que já possuem pleno conhecimento acerca do tema para realizar seus investimentos de forma eficiente, aproveitando as melhores oportunidades do mercado.

Percebe-se que a educação financeira é vital na vida de qualquer pessoa que almeja garantir uma vida estável para si e sua família. Por fim, é importante passar a ideia de que é extremamente aconselhável abrir mão de consumo no presente para conseguir economizar e consumir mais no futuro. Esse é o prêmio proporcionado pelas taxas de juros, principalmente no Brasil, pois são as mais altas do mundo.

6 Referências Bibliográficas

BACEN, Banco Central do Brasil. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/pefpublicoexterno.asp?frame=1#:~:text=O%20Programa%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%20do%20Banco%20Central%20\(PEF%20DBC,agente%20promotor%20da%20estabilidade%20econ%C3%B4mica](https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/pefpublicoexterno.asp?frame=1#:~:text=O%20Programa%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%20do%20Banco%20Central%20(PEF%20DBC,agente%20promotor%20da%20estabilidade%20econ%C3%B4mica).

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Pronunciamento do Presidente Ilan Goldfajn:** Discurso de abertura da 5a Semana de Educação Financeira 2018. 2018. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/home-ptbr/TextosApresentacoes/Discurso_Presidente_Ilan_VSem_Educ_Financeira18_vpub.pdf

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2010.

BEAL, D. J; DELPACHITRA, S. B. Financial literacy among Australian university students. Economic Papers, Brisbane, p. 65-78, mar. 2003.

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. Financial Literacy: An Overview of Practice, Research, and Policy. Nov. 2002. Disponível em: <https://www.federalreserve.gov/pubs/bulletin/2002/1102lead.pdf>

BRUHN, M. et al. The impact of high school financial education: experimental evidence from Brazil. Washington, DC: Development Research Group & Latin America and Caribbean Region / The World Bank, 2013. 55 p. (Policy Research Working Paper, n. 6723). Disponível em: <<http://www.wds.worldbank.org/external/default/WDSPContentServer/WDSP/IB/2013/12/12/00015834920131212094211/Rendered/PDF/WPS6723.pdf>>.

CAMOZZATO, Elen Sauer; LIZOTE, Suzete Antonieta; VERDINELLI, Miguel Angel. Educação Financeira e Intenção Empreendedora: Um Estudo com Alunos de Administração. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO E ADMINISTRAÇÃO DE NEGÓCIOS - CONLAAN, 07-09 jun. 2017, Ponta Grossa, Paraná. Disponível em: <https://www.conlaan.com.br/2017/artigo_nome/250_05052017_81.pdf>.

CNN: Poupança é preferida por 56% dos investidores do varejo. Disponível em: dos_Hair_Anderson_Tathan_Black_5_Ed

Estadão: Por que metade dos brasileiros não consegue se planejar para o futuro. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/educacao-financeira/brasileiros-planejamento-financeiro-pesquisa/>

FERREIRA, J.C. A importância da educação financeira pessoal para qualidade de vida. Caderno de Administração. Revista do Departamento de Administração da FEA. São Paulo, 2017.

GUIMARÃES, G. Sustentabilistas – Os Protagonistas da ed. Financeira e Sustentabilidade, 2019. Disponível em: <https://www.portaldocomercio.org.br/>

HAIR, J. Análise Multivariada de Dados. 2005. Disponível em:

HIRAKI, R. ESG: A educação financeira como impacto social e evolução. Disponível em: <https://economiasc.com/2021/09/23/esg-a-educacao-financeira-como-impacto-social-e-evolucao/>
https://www.academia.edu/25729179/Livro_An%C3%A1lise_Multivariada_de_da
<https://www.cnnbrasil.com.br/business/poupanca-e-preferida-por-56-dos-investidores-do-varejo/#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Associa%C3%A7%C3%A3o,do s%20investidores%20do%20varejo%20tradicional.>
https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/release_pesquisa_educacao_financeira_vf.pdf

INSTITUTO AKATU. Descobrindo o consumidor consciente: uma nova visão da realidade brasileira. 2004. Disponível em: <https://akatu.org.br/descobrindo-o-consumidor-consciente-uma-nova-visao-da-realidade-brasileira/>

KIYOSAKI, Robert; LECHTER, Sharon L.. Pai Rico, Pai Pobre. Estados Unidos: Campus, 1997. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1MMIsoSCyqG_16bKx4S1efP6xBRt7jBtf/view

LEITE, A. P. R.; SANTOS, T. C. dos. Consumo Consciente e as Empresas: Uma Análise na Visão dos Consumidores Natalenses. 2007. Disponível em: http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos07/1169_Artigo_consumo_consciente_SEGET_2007.pdf

LELIS, M. G. Educação financeira e empreendedorismo. Centro de Produções Técnicas, 2006.

MEDEIROS, C. D. L. G. Educação financeira: O complemento indispensável ao empreendedorismo. Campina Grande, 2003. Departamento de Sistemas e Computação, do Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal de Campina Grande, 2003.

MEDEIROS, J. F. de; CRUZ, C. M. L. Comportamento do consumidor: fatores que influenciam no processo de decisão de compra dos consumidores. Teoria e Evidências Econômicas, Passo Fundo-RS, v. 4, n. 1, p. 167-190, 2006.

NIGRO, T. Os 12 princípios de Thiago Nigro, o Primo Rico, para os investimentos. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/os-12-principios-de-thiago-nigro-o-primo-rico-para-os-investimentos/>

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Improving Financial Literacy – Analysis of issues and policies. Paris, 2005.

SAVOIA, J.; SAITO, A.; SANTANA, F. Paradigmas da educação financeira no Brasil. Dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/?lang=pt>

SAVÓIA, J.R. et al. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**, RAP, v.41, n.6, p.1121-41, Rio de Janeiro, Nov./Dez. 2007

SAVOIA, J.R.F.; SAITO, A. T.; PETRONI, L. M. A educação financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Economico (OCDE). In: Seminário em Administração, 9., 2006, São Paulo.

SEGUNDO FILHO, J. Finanças Pessoais: invista no seu futuro. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

SERASA EXPERIAN. Estudo de Serasa Experian traça o Mapa da Inadimplência no Brasil em 2018.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. Revista de Administração da Unimep, Paraná, v. 9, n. 3, p.61-86, dez. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2737/273721469004.pdf>

WISNIEWSKI, M. L. G. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. Revista Intersaberes, Curitiba, v. 6, n. 12, p.155-172, maio 2011.